

DESAFIOS DIAGNÓSTICOS DA PERITONITE INFECCIOSA FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

Ana Luísa Coimbra LIPPO¹; Bianca Valéria Lima da SILVA¹; Nadja Gomes da SILVA².

Palavras-chave: Vírus; Exames; Sensibilidade; Testes; Anticorpo.

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma enfermidade sistêmica viral causada pela mutação do coronavírus entérico felino (FCov), podendo apresentar-se de forma efusiva (úmida), que é a forma clássica, ou não efusiva (seca). Ela acomete com mais frequência animais jovens, idosos e imunossuprimidos e a transmissão ocorre principalmente pelo contato fecal-oral. O diagnóstico da PIF é um desafio, uma vez que os sinais clínicos e as alterações laboratoriais são inespecíficos e nenhum teste isolado apresenta acurácia suficiente para confirmação da doença que muitas vezes apenas é diagnosticada com histopatológico post-mortem. Este trabalho teve como objetivo fazer uma revisão de literatura sobre os desafios diagnósticos da peritonite infecciosa felina, utilizando artigos de 2021 e 2024, em língua portuguesa e inglesa, disponíveis em sites buscadores e periódicos como PubVet, Scientific Reports, Veterinary Sciences e Google Acadêmico. O diagnóstico é feito a partir da associação dos sinais clínicos do animal, aos achados do exame físico, laboratoriais, testes sorológicos, detecção de antígenos virais e a influência do ambiente. As alterações laboratoriais são bastante inespecíficas: anemia grave, geralmente normocítica normocrômica, leucocitose por neutrofilia, linfopenia, trombocitopenia, hiperglobulinemia, hiperproteinemia, hiperbilirrubinemia e a relação de albumina/globulina (um dos principais indicadores bioquímicos da PIF), na qual indica que valores abaixo de 0,4 são fortemente sugestivos da doença, enquanto valores acima de 0,6 ou 0,8 geralmente descartam a doença. No caso da PIF efusiva, exames de imagem como a radiografia, permite visualizar presença de efusão pleural ou pericárdica, e na ultrassonografia é possível fazer uma coleta guiada do líquido cavitário para ser avaliado no Teste de Rivalta. Embora esse teste não seja específico, ele possui alta sensibilidade, geralmente maior que 85%, e quando positivo sugere a presença de elevado teor proteico e mediadores inflamatórios no líquido, diferenciando o transudato de exsudato. Além disso, também pode ser necessário fazer uma citologia da efusão, especialmente em casos de diagnóstico diferencial de peritonite bacteriana. Já no caso da PIF não efusiva, na ultrassonografia, pode-se observar granulomas em diversos órgãos. O PCR, por um lado, consegue ser sensível para a PIF apenas em amostras de líquido, quando há acometimento neurológico, apresentando resultado falso negativo em amostras de sangue. Além disso, esse exame não consegue diferenciar as cepas do coronavírus. Testes sorológicos, como ELISA e IFA, podem ser utilizados na detecção de anticorpos contra o coronavírus felino em diversas amostras biológicas. No entanto, sua interpretação é limitada também pela incapacidade de distinguir as cepas virais. O exame padrão-ouro para PIF é a imuno-histoquímica que identifica a presença do antígeno do coronavírus em macrófagos através de anticorpos monoclonais e policlonais específicos diretamente nos tecidos afetados (como linfonodos, fígado ou rins). Em contrapartida, ele requer que os pacientes imunossuprimidos e debilitados, sejam submetidos a anestesia e cirurgia para a coleta de material. Com isso, apesar dos avanços nos métodos diagnósticos da PIF, a confirmação da doença ainda representa um desafio na rotina clínica veterinária, por isso a busca por técnicas menos invasivas e mais específicas permanece essencial para o diagnóstico precoce e preciso da doença.

¹Graduada do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau Graças-PE. Email para correspondência: analuisalippo@yahoo.com.br

²Graduada do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Dois Irmãos, Recife

Referências Bibliográficas:

Dunbar, D., Babayan, SA, Krumrie, S. *et al.* AVALIANDO A VIABILIDADE DA APLICAÇÃO DE APRENDIZADO DE MÁQUINA AO DIAGNÓSTICO DE PERITONITE INFECCIOSA FELINA NÃO EFUSIVA. **Scientific Reports**, 14, 2517 (2024). <https://doi.org/10.1038/s41598-024-52577-4>. Acesso em: 19 de junho de 2026.

MASSITEL, Isabela. PERITONITE INFECCIOSA FELINA: REVISÃO. **Pubvet**, [S. l.], v. 15, n. 01, 2021. DOI: 10.31533/pubvet.v15n01a740.1-8. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/643>. Acesso em: 19 de junho de 2026.

Moyadee W, Sunpongsri S, Choowongkomon K, Roytrakul S, Rattanasrisomporn A, Tansakul N, Rattanasrisomporn J. FELINE INFECTIOUS PERITONITIS: A COMPREHENSIVE EVALUATION OF CLINICAL MANIFESTATIONS, LABORATORY DIAGNOSIS, AND THERAPEUTIC APPROACHES. **Journal of advanced veterinary and animal research**. 2024 Mar 12;11(1):19-26. doi: 10.5455/javar. 2024.k742. PMID: 38680809; PMCID: PMC11055576. Acesso em: 19 de junho de 2026.

Stranieri A, Lauzi S, Paltrinieri S. ANÁLISE CLINICOPATOLÓGICA E MOLECULAR DO HUMOR AQUOSO PARA O DIAGNÓSTICO DA PERITONITE INFECCIOSA FELINA. **Veterinary Sciences** . 2024; 11(5):207. <https://doi.org/10.3390/vetsci11050207>. Acesso em: 19 de junho de 2026.

¹Graduada do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau Graças-PE. Email para correspondência: analuisalippo@yahoo.com.br

²Graduada do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Dois Irmãos, Recife